

## A RELEITURA DO CONSELHEIRO REAL SHAKESPEARIANO POR JOHN UPDIKE NO ROMANCE *GERTRUDES E CLÁUDIO*

Thiago Martins Prado<sup>1</sup>

Quando John Updike escolheu utilizar a variação de nomes de personagens da lenda do príncipe da Dinamarca que inspirou o dramaturgo William Shakespeare, utilizando-se, para isso, das referências contidas em *Historia Danica*, de Grammaticus, e em *Histoires Tragiques*, de Belleforest, o romancista norte-americano relembra que o texto shakespeariano de *Hamlet* advém de uma tradição de releituras de fontes orais ou copiladas e que, portanto, incorpora o dinamismo e a mobilidade dos traços da cultura que permitem dialogar tempos e espaços distintos. De igual maneira, assim também se apresenta a escrita de *Gertrudes e Cláudio*: como uma oportunidade de continuar a tecer releituras variáveis por meio de um processo criativo. A diferença, entretanto, entre o texto dramático de Shakespeare e a narração de Updike dá-se ao fato de, no primeiro, a releitura concentrar-se na tradição móvel da cultura oral enquanto, no segundo, o romance privilegiar a articulação da rica fortuna crítica advinda da obra de Shakespeare. Nesse sentido, John Updike esclarece que a natureza especulativa da crítica gerada ao texto *Hamlet* assemelha-se à mobilidade da condição criativa que gerou tal obra e que torna igualmente possível a construção do romance *Gertrudes e Cláudio*.

Os mecanismos de releitura adotados por Shakespeare ou por Updike acabam igualmente por influenciar a forma de construção dos personagens, dando maior volume ao próprio gênero escolhido por cada um deles. Se William Shakespeare coroou o caráter dos personagens por meio de um reforço na ambiguidade de seus gestos ou na situação lacunosa das suas falas no texto dramático – o que molda e, ao mesmo tempo, complexifica a multiplicidade das variações lendárias de versões anteriores à obra shakespeariana, John Updike fortalece a constituição psicológica dos personagens (própria dos romances), privilegiando, além da característica peculiar ao gênero, o conjunto de análises da crítica literária realizada para o texto de Shakespeare.

O romance de Updike centra-se em um período anterior ao início das ações contidas na obra *Hamlet*. Com isso, o escritor estadunidense explicitou o campo das motivações de caráter ou ações a cada personagem da peça shakespeariana – onde Shakespeare investiu em ambiguidade, Updike preencheu de um aparato psicológico capaz de justificar todos os passos dados pelos personagens na peça (e de uma forma criativa a reler a crítica shakespeariana no romance). No caso específico da edificação do personagem Polônio (Corambus ou Corambis) em *Gertrudes e Cláudio*, John Updike transforma um personagem secundário naquele que decide a falha trágica que permitirá o início do texto dramático *Hamlet*: o assassinato de um rei.

Como uma forma de compreensão da releitura do conselheiro real Polônio realizada por John Updike, elencaram-se quatro processos no romance *Gertrudes e Cláudio* que moldam as atitudes de tal personagem: a) a interpretação do caráter de Hamlet-pai por Polônio; b) a interpretação do caráter de Polônio por Hamlet-pai; c) o processo de inversão da lógica dos favores na corte; e d) a participação na falha trágica.

Quanto ao primeiro item, que é a interpretação do caráter de Hamlet-pai por Polônio, alguns momentos podem ser destacados para a compreensão do princípio de uma situação de oposição entre as vontades do conselheiro e as do rei Hamlet-pai – que gera a ambos uma antipatia mútua. Como conselheiro do pai de Gertrudes, Polônio considera a mudança de Hamlet-pai para o quarto real de tal modo precipitada que ao novo rei ele somente consegue

---

<sup>1</sup> Universidade do Estado da Bahia, Seabra, Bahia, Brasil. E-mail: [minotico@yahoo.com.br](mailto:minotico@yahoo.com.br).

atribuir uma caracterização de usurpador. Interessante notar como Updike, em seu romance, transfere o conceito de usurpador, personificado no rei Cláudio dentro da obra *Hamlet*, de Shakespeare, para o usurpado rei Hamlet-pai ao eleger o ponto de vista do conselheiro Polônio. De uma forma, Updike propõe uma reescrita que abriga a contradição advinda da variabilidade do olhar ou das motivações inerentes a cada personagem do romance, movendo definições ou atribuições geralmente associadas aos personagens da peça *Hamlet*. De outra forma, como o romance de John Updike propõe-se igualmente a dialogar com a fortuna crítica destinada à obra *Hamlet*, é perceptível a recitação do movimento pendular dos próprios críticos shakespearianos a, por vezes, empregar facetas distintas (e até mesmo antípodas) aos personagens da peça.

Além de o novo rei Hamlet-pai constituir-se uma ameaça à estabilidade do poder de Polônio, já habituado aos trâmites do rei anterior, um outro aspecto deve ser analisado. Conforme Updike, o conselheiro real nutria um encanto especial pela garotinha Gertrudes e, mesmo depois de casada, ele ainda conservava a lembrança dessa imagem de menina e esse desejo secreto. A confirmação de um olhar em Polônio com tendências pedófilas é verificada a partir da configuração do casamento desse mesmo personagem. O texto *Gertrudes e Cláudio* relata que a esposa do conselheiro, chamada Magrit de Møn, possui uma diferença etária considerável e que a sua parceira, conforme a perspectiva da personagem Gertrudes, desgastou-se fisicamente por causa das exigências insaciáveis de lascívia, submetendo-se, por diversas vezes, a abortos sucessivos. Por fim, com o nascimento da filha Ofélia, Magrit de Møn finalmente falece. Na sequência do romance, o olhar de fundo pedófilo do conselheiro explicaria a sua obsessão pelo controle da filha – tal excessiva proteção quanto à Ofélia foi destacada pelo crítico Northrop Frye (1992). No caso específico de Ernest Jones (1970), o crítico, em sua obra *Hamlet e o complexo de Édipo*, identifica o complexo de Griselda no conselheiro Polônio – que leva tal personagem a um sentimento de pertença e de retenção dos órgãos sexuais da filha. Articulando-se, mais uma vez, ao poderio da crítica shakespeariana, a explicação do romancista John Updike para a evolução do quadro persistente de controle da filha, ou ainda, para o desenvolvimento do complexo de Griselda, estaria na admiração e no desejo encoberto pela imagem da menina princesa Gertrudes. Se, num primeiro momento, o conselheiro real pôde praticar seu desejo pedófilo realizando uma transferência de Gertrudes para Magrit de Møn, após a morte da esposa, Polônio utilizará a filha como nova substituta para alimentar o seu desejo de posse dos objetos sexuais infantis – ainda que o gesto pedófilo aí não mais se realize.

É óbvio que o amadurecimento de Gertrudes e a modificação de seu papel de princesa para rainha e de menina para mulher casada sugerem, gradualmente, a eleição por uma nova substituta na mente de Polônio, entretanto, pelo fato de o conselheiro preservar ainda um olhar de duplicidade sob Gertrudes, o movimento inesperado do casamento apressado do Hamlet-pai surge, na psicologia do personagem do conselheiro real, como uma forte materialização de censura quanto ao seu desejo de pedofilia. A partir dessa configuração, dois processos de releitura da crítica psicanalítica ocorrem no romance *Gertrudes e Cláudio*: a) do papel de sujeito limitador de desejos e pai controlador de impulsos sexuais presente na peça *Hamlet*, Polônio passa agora a sujeito limitado em seus desejos a reconhecer uma censura maior personificada na imagem do novo rei; Hamlet-pai, nesse caso, ocupa a função de pai e de castrador para a psicologia de Polônio; b) com essa configuração, o desejo de assassinar o novo rei aproxima-se dos mecanismos do complexo de Édipo, entretanto o que, na verdade, disfarça-se nesse propósito é o resgate da memória lasciva de pedofilia disparada pela imagem de Gertrudes menina, que foi sequestrada pela presença de Hamlet-pai.

Se, no plano consciente, o novo rei desestabiliza a certeza pela continuidade dos privilégios de Polônio concedidos nas dinâmicas da corte, no plano inconsciente, Hamlet-pai é a personificação do processo de castração quanto aos desejos pedófilos do conselheiro. A

antipatia de Polônio para com o novo rei funda-se nessas duas ordenações. Embora seja de natureza mais manifesta, o novo rei Hamlet-pai também conserva um sentimento de antipatia para com Polônio.

Quanto ao segundo item, que é a interpretação do caráter de Polônio por Hamlet-pai, pode-se enumerar a série de acusações que o novo rei atribui ao conselheiro: a) ele desvia verbas do tesouro real; b) ele é invejoso e presunçoso; c) ele é viciado em favores reais; e d) ele é um traidor se insistir no casamento da filha com Hamlet. Nesse último ponto, cabem algumas explicações. Primeiro, Hamlet-pai considera um gesto de traição a atitude de Polônio ao interferir no casamento de um príncipe na linha imediata de sucessão ao trono, pois fere os interesses diplomáticos entre reinos aliados. Segundo, parece contraditória a vontade de Polônio em querer casar a sua filha com o príncipe Hamlet se há toda uma discussão a respeito do complexo de Griselda a remontar a personalidade desse conselheiro. Nesse ponto, é preciso afirmar que Polônio vive um conflito de domínio sexual ao mesmo tempo em que tenta garantir, por meio da filha, uma posição de maior destaque junto à corte, ou seja, ser o pai de uma futura rainha, e se livrar de vez das ameaças de dispensa e aposentadoria intencionadas pelo novo rei. É interessante atentar também que a filha Ofélia encarna Magrit de Møen, a substituta de Gertrudes menina e, ao mesmo tempo, a própria Gertrudes menina, entretanto, para a identificação entre Ofélia e Gertrudes tornar-se mais ajustável à imagem de Gertrudes menina, a sua filha deve ocupar o papel da princesa – tal como o já foi na memória de Polônio. Ainda que, na concepção do conselheiro real em *Hamlet*, haja o sacrifício da entrega dos órgãos sexuais da sua filha para o príncipe, com essa entrega, ele retorna ao estágio de admiração sexual distante da princesa menina, personalizada em sua filha Ofélia, e resolve dois grandes problemas para a manutenção do quadro inicial desejante: a) o seu papel de conselheiro deixa de ser ameaçado com a extinção, perdura como pai da princesa e lhe dá a proximidade necessária para alimentar suas imagens desejantes de pedofilia; b) a juventude de Gertrudes, rainha já a envelhecer e não mais corresponder à imagem desejante de Polônio, retorna resgatada na possibilidade da princesa Ofélia. Por fim, em Polônio, o interesse pela entrega da filha ocorre tanto para preservar (ou elevar) a sua posição social na corte como para permitir um ajuste no seu padrão desejante. Para isso, o cálculo que o conselheiro faz na peça *Hamlet* parte da moldagem da sexualidade da filha para que a virgindade de uma futura princesa não possa ser questionada ao mesmo tempo em que incita o afastamento de Ofélia em relação a Hamlet por raciocinar que isso tornará o príncipe cada vez mais interessado em sua filha.

Considerando o terceiro item a ser analisado, para que os planos de casamento de Ofélia consolidem-se, Polônio precisa inverter a lógica dos favores. Na peça *Hamlet*, o conselheiro aparece como um sujeito a pedir e ser agraciado por favores reais – a sua primeira fala na cena dois do primeiro ato, por exemplo, expressa isso de imediato. No romance de John Updike, Polônio cede favores à rainha para garantir, também por meio de ameaças, que o seu intento de casar a filha com o príncipe seja assegurado. Polônio cede um refúgio para os encontros amorosos entre Gertrudes e Cláudio e alerta para um favor futuro que irá cobrar da rainha. Não tão tardiamente, o conselheiro negocia o casamento de Ofélia e Hamlet com a rainha. Parece arriscada a posição de elo entre Cláudio e Gertrudes em que Polônio coloca-se diante da possibilidade da descoberta pelo rei Hamlet-pai dessa tripla traição e da execução sumária dos três, no entanto, nesse momento, o conselheiro sai de uma posição mais passiva para uma mais ativa ao cobrar da rainha a sua permanência no cargo e, contrariando a vontade do rei, a defesa pelo casamento entre Ofélia e Hamlet. Quando Polônio adota tal postura de fazer com que a rainha também possa lhe servir, fica evidente como o conceito de poder, conforme Foucault (2006), é instaurado no romance: o poder não deriva de uma posição centralizadora, ele não é

emanado, ele provém de uma dinâmica dentro das relações que se edificam ou se reestabelecem constantemente.

O conselheiro Polônio adota uma posição ainda mais ativa no romance ao ponto de ser o próprio a tramar o assassinato do rei Hamlet-pai. O quarto item a ser analisado, o surgimento da falha trágica que origina a peça *Hamlet*, ocorre a partir do momento em que Polônio escuta, escondido atrás da tapeçaria, a descoberta pelo rei Hamlet-pai da tripla traição e a sua decisão de vingança<sup>2</sup>. A partir daí, Polônio, incitando o regicídio, conduz Cláudio ao jardim secreto onde o rei Hamlet-pai descansa<sup>3</sup>. Não somente o conselheiro real decreta a falha trágica que finaliza o romance e torna possível o início da peça *Hamlet* como também edifica para a corte o contexto para a ascensão de Cláudio ao trono da Dinamarca. No discurso do conselheiro real Polônio, Cláudio é o único capaz de assumir a coroa, pois havia mais de dez anos que o príncipe Hamlet estava entregue a estudos na Universidade de Wittenberg (sem nada aprender sobre reinar) e também porque Cláudio seria a pessoa mais habilitada para consolar a rainha na função de rei. Polônio igualmente decide a preservação da inocência de Gertrudes quanto ao regicídio e reforça a ideia de desqualificação do príncipe Hamlet no trono junto à rainha. Por fim, o conselheiro real, longe dos comportamentos caricaturais encontrados na peça *Hamlet*, torna-se o jogador mais hábil do romance: seu segredo e sua cumplicidade quanto ao regicídio permitem uma posição mais vantajosa em relação à coroa que aquela em que se encontrava com o rei anterior.

## Referências

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2006.

FRYE, N. **Sobre Shakespeare**. Tradução Simone Lopes de Melo. São Paulo: EDUSP, 1992.

JONES, E. **Hamlet e o complexo de Édipo**. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1970.

UPDIKE, J. **Gertrudes e Cláudio**. Tradução Paulo Henriques Brito. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SHAKESPEARE, W. **A tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca**. Tradução Lawrence Flores Pereira. São Paulo: Penguin; Companhia das Letras, 2015.

---

<sup>2</sup> Interessante notar que a mesma cena que salva o conselheiro Polônio no romance e determina o início da falha trágica (o assassinato de um rei) para a peça shakespeariana será o mesmo que lhe dará a morte trágica na cena quatro do terceiro ato.

<sup>3</sup> Updike cita a demora de Hamlet-pai em não se vingar imediatamente dos três traidores como um dos motivos para o surgimento da falha trágica, tal como a demora da vingança do príncipe Hamlet leva à catástrofe na peça shakespeariana.